

A perspectiva anticapacitista na iniciação musical: um relato de experiência no ensino de música para uma criança com Síndrome de Down

GTE 13 - Ensino de música, inclusão e anticapacitismo

Comunicação

Rodolfo Jonasson
Universidade Santo Amaro
rodolfojonasson@gmail.com

Resumo: Este trabalho trata de um relato de experiência que versa sobre o ensino de música para uma criança com Síndrome de Down realizado em uma escola de música. O objetivo do trabalho é salientar a importância do planejamento e das adaptações pedagógicas necessárias para um desenvolvimento satisfatório. É apresentado o conceito de capacitismo, e ampliado para uma reflexão sobre como a sociedade percebe a docência no âmbito da educação inclusiva e o desafio plural estabelecido nas formas de preconceito, discriminação e invisibilidade presentes na contemporaneidade. Como resultado, além do desenvolvimento musical, percebe-se que a aula de música por ser um ambiente favorável para o exercício de da educação musical sob a perspectiva anticapacitista.

Palavras-chave: Educação Musical. Inclusão. Síndrome de Down. Anticapacitismo.

Introdução

Percebo que as pessoas deslumbram-se com as questões que envolvem a educação musical para a pessoa com deficiência. Certamente que os conjuntos de experiências de vida dessas pessoas as fazem perceber as problemáticas que envolvem a educação inclusiva pelo olhar assistencialista e caritativo. Em minha prática docente, é comum me deparar com situações onde o *modus operandi* é colocado num patamar pautado na benevolência ao invés da capacidade docente e da pesquisa acadêmica.

Quando se eleva a discussão sobre a educação musical especial na perspectiva da educação inclusiva, é comum observar que o debate se finda, pois, a mudança de atitudes sociais é mais complexa do que a maneira caritativa de perceber o outro.

Minha prática docente é marcada pelo respeito ao próximo, pelo reconhecimento da singularidade humana na diversidade, e o fato de ensinar música para pessoas com deficiência não fazem de minha profissão um ato caritativo e assistencialista e, é neste ponto de vista que este relato de experiência será guiado.

A condição para que um exista, é a diferença do outro

De longa data, a frase ‘a música é para todos’ é pauta nas discussões de diversos pesquisadores e educadores da área de Educação Musical. A frase que apregoam tantos profissionais seria uma afirmação ou uma dúvida? Essa inquietação, que foi destacada por Louro em 2006, se mostra atual quando a autora argumenta: “Será que uma pessoa com deficiência seja ela qual for, está inserida nesse ‘todos’ que tanto dizem?” (LOURO, 2006, p. 25).

Quando pensamos em educação inclusiva, devemos observar o direito ao acesso, à permanência e ao sucesso na trajetória escolar (BRASIL, 2008), e também a maneira que esses patamares foram conduzidos e alcançados pelos estudantes.

Apesar da elaboração e execução de numerosos documentos nacionais e internacionais em prol de uma sociedade mais justa mostrarem que a inclusão é o alicerce principal para o estabelecimento da justiça social, nos deparamos com uma grande e oculta barreira atitudinal que emerge na sociedade: o capacitismo.

O capacitismo é uma forma de preconceito e discriminação que se mostra quando uma pessoa desconsidera a capacidade do outro, pelo fato deste ser uma pessoa com deficiência (MELLO, 2016; GESSER, BLOCK, MELLO, 2020; SIQUEIRA, DORNELLES, ASSUNÇÃO, 2020). Independentemente de a forma humana se manifestar na diversidade, seja ela, com ou sem deficiência, e esta ser a sua característica que permite o despontar de uma condição única, alheia a qualquer comparação, a atitude capacitista está camuflada nas camadas da sociedade.

O capacitismo está associado intrinsecamente às relações de poder entre as pessoas tidas com e sem deficiência, pois, neste sentido

[...] tem sido compreendido como um eixo de opressão que, na intersecção com o racismo e o sexismo, produz com efeito, a ampliação dos processos de exclusão social [...], e ainda, [...] tem relação com o aperfeiçoamento do sistema capitalista, à medida que há o estabelecimento de um ideal de corponormatividade que corrobora com a manutenção e aperfeiçoamento desse sistema econômico. (GESSER; BLOCK; MELLO, 2020, p.18).

No que concerne às questões de identidade, Medeiros (2018) discorre sobre a origem e percurso das diferentes sociedades, onde se diferenciam pensamentos, doutrinas,

políticas, costumes, princípios e opiniões. Essas estruturas, que são repassadas entre as gerações, é o que chamamos de cultura.

Essa concepção de cultura é importante para traçar a reflexão da singularidade humana diante da diversidade, e que é compreendida como intrínseco ao ser humano perante suas características de desigualdade e diferença que, sincronicamente, manifesta suas condições de multiplicidade e pluralidade. Sendo assim, a ponderação mais assertiva para se compreender a dessemelhança entre as sociedades se fixa nos laços da maneira que a cultura de um povo se estabelece (CUCHE, 1999).

São as diferenças entre as pessoas que concebem histórias com trajetórias únicas e possibilitam a aprendizagem entre os sujeitos. O contato com a pluralidade é que permite o desenvolvimento da imaginação, da inovação, da revolução, das relações dialéticas e dialógicas, e que são habilidades necessárias para sobreviver na era contemporânea.

Ciampa (1998) discorre sobre as questões identitárias na contemporaneidade como um processo de reinvenção do homem como ser cultural entendido como um processo metamórfico, caso contrário, não nos identificaríamos como humanos.

Esse argumento ratifica trajetória da pessoa com deficiência diante da satisfação da sociedade em humanizá-la, ou seja, em regenerá-la para atingir um patamar de normalidade, ou ainda, da pessoa com deficiência em ajustar-se à sociedade, o que tende a tornar, em ambos os casos, a diversidade invisível. E acrescentando,

[...] a experiência da deficiência é desconsiderada, influenciando e consolidando práticas caritativas, assistencialistas e capacitistas. A categoria de análise estuda a opressão, a violação de direitos humanos e o controle, quando a experiência da deficiência é negligenciada, silenciada, invisibilizada. (MARTINS; MONTEIRO, 2020)

E, nesse entendimento, as pessoas com deficiências são marginalizadas em virtude de sua condição dessemelhante, ao se considerar que estão absorvidas por uma sociedade que não considera a construção dessa identidade (SOARES; LACERDA, 2013).

Neste relato de experiência, a postura assertiva e determinada de como trilhar o caminho para o fazer musical com vistas ao respeito pela pessoa com deficiência superou a perspectiva terapêutica, reducionista, assistencialista e caritativa, visto que, o reconhecimento das singularidades e especificidades humanas em oposição à práxis

capacitista, moldaram o tema central desse texto, que trata da experiência pedagógico-musical de uma criança com Síndrome de Down.

Perfil do professor, da escola e do aluno

O dinamismo da área de educação musical inclusiva sempre me chamou atenção: a perspicácia em contraste com a urgência na busca de resolver e atender diversas demandas dos alunos com deficiência trouxe até mim a necessidade do conhecimento e da pesquisa, e que atrelados ao olhar analítico, auxiliaram-me a ultrapassar diversos obstáculos que dificultam o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

Mesmo sabendo como delimitar o conteúdo pedagógico, fazer o planejamento das aulas, criar e adaptar atividades, sempre existiu o desafio da primeira aula de música para um aluno novo: Como será o primeiro contato? Como atender as expectativas? Como trazer a empatia? Como tornar o ambiente da sala de aula simbiótico?

Essa não foi uma situação diferente na primeira aula de música de um menino que vamos chamá-lo de Antônio, um aluno com Síndrome de Down, que, na ocasião, quando iniciou as aulas de música em maio de 2018, tinha 4 anos de idade.

É comum ser questionado sobre a maneira de como desenvolver as aulas para os alunos com deficiência e sobre qual atitude o professor deve ter no primeiro contato com o aluno. Acredito que uma postura simples, como por exemplo, comentar algo interessante sobre a atividade que será realizada, falar ou perguntar sobre as questões cotidianas e, além de tudo, ofertar a possibilidade de que o aluno se expresse à sua maneira, será significativo para iniciar o primeiro contato.

Observar o tempo de resposta, perceber a capacidade em se expressar com desenvoltura, atentar para o vocabulário utilizado, perceber a maneira de como se locomove; todas essas particularidades ajudarão a entender quais serão os apoios que esta criança necessita, afinal, toda criança pode aprender, mesmo apresentando qualquer dificuldade, desde que receba a orientação necessária e adequada.

A escola de música onde trabalho está localizada na cidade de São Paulo e oferece diversos cursos de instrumentos e iniciação musical para todas as faixas etárias, sendo que, as aulas de música para as crianças abaixo de 6 anos ocorrem, geralmente, em grupos.

Em 2018, no momento da matrícula de Antônio, não havia compatibilidade entre a disponibilidade do aluno e a oferta da escola para a aula de música em grupo e, diante disso, o aluno começou a fazer aula do curso de Iniciação Musical individualmente, uma vez por semana com aula de 50 minutos.

O conteúdo pedagógico do curso de Iniciação Musical prevê o desenvolvimento das habilidades musicais a partir das seguintes parâmetros: desenvolvimento da percepção auditiva e do senso rítmico, da coordenação motora, da voz como expressão musical, da criação, memória e improvisação musical, além da experiência com instrumentos musicais diversos.

A dimensão sala de aula possibilita a realização de atividades de movimento corporal e dispõe de diversos instrumentos musicais, dentre eles: piano, bateria, ukulelê, xilofones e metalofones, tubos percussivos melódicos, tambores, pandeiros, jogo de sinos, chocalhos, triângulos, entre outros, e possui uma mesa pequena para a realização das atividades de registro musical.

Kevin Gerrity, Ryan Hourigan e Patrick Horton (2013), observam que ensinar em um ambiente desprovido de distrações é fundamental para a aprendizagem, principalmente quando se trata do ensino para a pessoa com deficiência intelectual e, em vista disso, o ambiente onde Antônio realiza as aulas é espaçoso, organizado e tem tratamento acústico, tornando-se um ambiente favorável para o ensino e aprendizagem.

Antônio tem Síndrome de Down, que é uma alteração genética determinada pela presença integral ou parcial do cromossomo 21. Esta condição está relacionada com o atraso no desenvolvimento global dos indivíduos e, geralmente, apresentam deficiência física e intelectual. A Síndrome de Down é uma das alterações cromossômicas de maior incidência nos seres humanos, e é assim denominada em virtude de, em 1866, o médico inglês John Langdon Down ter descrito essa condição (SCHWARTZMAN, 2003).

O fazer musical

Atualmente, Antônio tem 7 anos, frequenta a escola regular no período vespertino e, no período matutino, realiza diferentes atividades e terapias, sendo: psicoterapia, fonoterapia e terapia ocupacional, natação e música. Seu comportamento social é adequado à sua faixa etária, mostrando-se uma criança alegre, educada e disposta a aprender música.

O período de estudos de Antônio compreende de maio de 2018 a julho de 2021, excetuando o período de quarentena devido a pandemia de Covid-19, que compreende o período entre março e setembro de 2020, quando, por decisão da família, optaram por fazer uma interrupção visto que Antônio não se adequou a realizar as aulas na modalidade remota.

No que diz respeito ao modo de como as aulas foram planejadas e realizadas, observou-se o pensamento Louro (2012), quando afirmam que uma forma coerente de iniciar o ensino musical da pessoa com deficiência pode ocorrer pelo destrinchar de atividades associadas às propriedades do som. O propósito desse caminho deve primar pela ampliação da capacidade cognitiva, desde que os conteúdos estejam relacionados com experiências concretas e, dessa forma, a exploração do som a partir das suas propriedades deve propiciar a compreensão da música como um todo: o som, o movimento, a criação, a escuta.

Uma preocupação presente no planejamento das aulas de Antônio é a questão motora. Segundo Jonasson e Louro (2016) “as metodologias mais utilizadas em educação musical infantil são baseadas em exercícios e jogos que visam desenvolver aspectos do desenvolvimento da criança, isto é, aspectos psicomotores”. Por esse motivo, inúmeras atividades psicomotoras musicais foram adaptadas diante das especificidades e requisitos de Antônio. Entre elas, estão

andar pela sala na pulsação da música (ato que demanda tônus, equilíbrio dinâmico, consciência têmporo-espacial), exploração de sons ambientais (para a estimulação auditiva [...]) percussão corporal (que demanda esquema corporal, noção espacial, tônus e lateralidade), [...], imitação de movimentos com o corpo (para estimulação visual, coordenação motora, esquema corporal), tocar instrumentos de percussão, ou outros (o que requer tônus, lateralidade, orientação espacial, temporal e esquema corporal), [...], cantar (para estimulação do [...] aparelho fonador, articulação, respiração, afinação e aprimoramento do esquema corporal. (JONASSON, R; LOURO, V., 2016)

Ainda com relação ao desenvolvimento dos conteúdos musicais, optou-se pela apropriação musical vivenciada no cotidiano (FONTERRADA, 2008), da mesma forma como afirma Souza

(...) é necessário se aproximar do significado que a música tem para os alunos e considerar as necessidades e as condições do cotidiano deles, os aspectos que os levam a preferir determinados CDs, bem como examinar o

que gostam, o que e quando compram e o que os satisfaz (SOUZA, 2008, pp. 10-11).

Louro (2012), Hammel e Hourigan (2013), consideram primordial a estrutura de como são formatadas as aulas que são destinadas para as pessoas com deficiência, e apontam que a organização de uma rotina clara e objetiva favorece o aprendizado, dado que, permitirá à criança, prever as atividades daquele momento diminuindo assim, a ansiedade, conforme aponta Soares:

a antecipação das atividades e ações a serem realizadas, através do estabelecimento da rotina é um aspecto muito favorecedor, pois permite a organização do pensamento e uma melhor participação nas atividades. Além disso, pode minimizar comportamentos inadequados e a ansiedade de alguns alunos, principalmente para manusear determinados instrumentos e/ou materiais. Obviamente, a rotina não deve ser “engessada”, ou seja, não deve ser inflexível, pois alterações são sempre importantes e podem trazer novos desafios para as aulas. (SOARES, 2008)

O quadro 1 abaixo mostra um exemplo de rotina de atividades musicais a serem realizadas em uma aula de 50 minutos, no entanto, para o aluno que não é alfabetizado, esta rotina é descrita por meio de desenhos feitos na lousa, ou até mesmo, por cartões numerados que são colocados sobre os instrumentos ou objetos, que indicam a ordem em que as atividades acontecerão.

Quadro 1: Exemplo de rotina de atividades musicais

Conteúdo Musical	Atividade
Coordenação Motora	Andar pela sala seguindo a pulsação da música
Timbre	Jogo da memória com os cubos timbrísticos
Intensidade	Jogo musical com tubos percussivos
Duração	Replicar uma sequência rítmica, primeiramente com o corpo, e em seguida com um instrumento musical
Duração	Leitura rítmica com som inteiro e silêncio; falar e bater palma na pulsação
Altura	Reconhecer e representar com o corpo os sons grave, médio e agudo

Altura	Representar a altura dos sons no pentagrama gigante disposto no chão
Cantar	Cantar uma música do seu cotidiano enquanto o professor acompanha no piano
Instrumento	Introdução à bateria
Instrumento	Introdução ao piano

Fonte: Elaborado pelo autor

Vale destacar que as atividades de iniciação musical também proporcionam o desenvolvimento de habilidades extra musicais, pois “a participação ativa do sujeito no ato de musicalização não mobiliza apenas os aspectos mentais conscientes que conduzem a uma apreciação objetiva da música, mas também uma gama ampla e difusa de sentimentos e tendências pessoais.” (GAINZA, 1988, p. 34). E no ponto de vista da psicomotricidade, “a musicalização trabalha todos os aspectos psicomotores de que necessitamos e tende a resultar numa boa aprendizagem futura, seja esta musical ou outra qualquer.” (JONASSON, R; LOURO, V., 2016).

No que diz respeito à trajetória da evolução musical de Antônio, é importante salientar que, inúmeras adaptações pedagógicas foram realizadas ao longo dos anos letivos, tais como as adaptações destacadas por Louro (2006): adaptações de acesso ao currículo, de objetivos e de conteúdos, do método de ensino e do material, de arranjos musicais, de técnica musical e, dessa forma, a maneira como Antônio alcançou a aprendizagem tornou-se única.

A figura 1 abaixo mostra uma adaptação de método de ensino e arranjo musical, onde foi escolhido o método *Figurenotes*¹, e a música foi realizada no piano.

Figura 1: Exemplo de adaptação de método de ensino e arranjo musical

¹ É um sistema alternativo de notação musical, baseia-se na relação que existe entre as cores e as formas geométricas, requisitos geralmente já aprendidos pelos alunos em fase de alfabetização. <http://figurenotes.org>



Fonte: Elaborado pelo autor

A figura 2 apresenta uma adaptação pedagógica em um exercício rítmico, podendo ser realizado na forma de leitura rítmica, como também na forma de ditado rítmico, quando o aluno aponta com a mão os retângulos correspondentes à sequência rítmica ouvida.

Figura 2: Exemplo de adaptação pedagógica num exercício rítmico



Fonte: Elaborado pelo autor

O percurso de ensino-aprendizagem construído entre os anos de 2018 a 2021 permitiu a Antônio assimilar diversos conteúdos musicais, dentre eles: reconhecer sons graves, médios e agudos, identificar intensidade e timbres distintos com facilidade, realizar leitura e ditado rítmico com cards; executar leitura melódica simples no piano com o auxílio do método *Figurenotes*, embora já tenha iniciado a transição para a notação convencional; utilizar os dedos polegar e indicador de ambas as mãos para fazer leituras melódicas no

piano; fazer uma levada simples na bateria e conseguir manter a pulsação; ser capaz de alternar uma levada na bateria diante da identificação auditiva das partes de uma música e, cantar melodias do cancionário brasileiro.

Cabe salientar que a proposta educativa oferecida a Antônio sempre primou pelo desenvolvimento de autonomia, pelo respeito às diferenças, pelo entendimento das singularidades humanas, dessa forma, impulsionando condutas que revelassem outros olhares da pessoa com deficiência, promovendo, desse modo, uma perspectiva anticapacitista neste contexto de iniciação musical.

Considerações

Sem dúvida o caminho trilhado em defesa da inclusão deve avançar na nossa sociedade, e as atitudes capacitistas não devem ser empregadas em nosso cotidiano, ao contrário, medidas anticapacitistas necessitam emergir, inclusive nos ambiente escolar. O respeito às diferenças, a observância às habilidades, a consideração às singularidades e dessemelhanças humanas são atitudes que promovem as ações anticapacitistas.

O aluno com Síndrome de Down poderá apresentar déficits físicos e intelectuais que comprometam o seu desenvolvimento musical, no entanto, o professor deverá observar e reconhecer essas dificuldades para promover oportunidades de aprendizagem satisfatórias, que possibilitem alcançar os resultados previstos no planejamento das aulas.

As práticas de iniciação musical relatadas nesse contexto obtiveram êxito devido ao reconhecimento da singularidade, da desigualdade e da diferença que se concebe na diversidade humana.

A aula de música, que pode ser compreendida como um ambiente propício ao respeito e à escuta deve possibilitar o acesso, permanência e sucesso do aluno, desde que recebidas as orientações apropriadas e fundamentais, tornando-se um ambiente propício para uma conduta anticapacitista.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília, DF, 2008.

CIAMPA, A. C. *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 1999.

FONTEERRADA, M. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. 2. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2008

GAINZA, V. H. *Estudos de psicopedagogia musical*. Trad. de Beatriz A. Cannabrava. São Paulo: Summus, 1988.

GERRITY, K. W.; HOURIGAN, R. M.; HORTON, P. W. Conditions That Facilitate Music Learning Among Students With Special Needs: A Mixed-Methods Inquiry. *Journal of Research in Music Education*, United States, v. 61, n. 2, p. 144-159, 2013.

GESSER, M.; BLOCK, P.; MELLO, A. G. Estudos da deficiência: interseccionalidade, anticapacitismo e emancipação social. In: GESSER, M.; BÖCK, L. K.; LOPES, P. H. *Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social*. Curitiba: CRV, 2020. 248 p.

HAMMEL, A.; HOURIGAN, R. *Teaching Music to Students with Autism*. New York: Oxford University Press, 2013.

JONASSON, R.; LOURO, V. Contribuições da psicopedagogia e da psicomotricidade. In: LOURO, V. (Org.) *Música e Inclusão: Múltiplos olhares*. São Paulo: Editora Som, 2016

LOURO, V. *Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas*. São José dos Campos: Estúdio Dois, 2006.

LOURO, V. *Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência*. São Paulo: Editora Som, 2012.

MARTINS, J. S. S.; MONTEIRO, J. L. Contribuições da ética do cuidado para a construção de práticas de coensino emancipatórias. In: GESSER, M.; BÖCK, L. K.; LOPES, P. H. *Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social*. Curitiba: CRV, 2020. 248 p.

MEDEIROS, R. J. C. *A Comunicação Alternativa na Educação Musical e o Transtorno do Espectro Autista: uma abordagem quantitativa e qualitativa na perspectiva interdisciplinar*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Santo Amaro, São Paulo.

MELLO, A. G. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. v. 21, n. 10, p. 3265-3276, 2016.

SCHWARTZMAN, J. S. *Síndrome de Down*. São Paulo: Memmon, 2003.

SIQUEIRA, D.; DORNELLES, T. G.; ASSUNÇÃO, S. M. Experienciando capacitismo: a vivência de três pessoas com deficiência. In: GESSER, M.; BÖCK, L. K.; LOPES, P. H. *Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social*. Curitiba: CRV, 2020. 248 p.

SOARES, F.; LACERDA, C. O aluno surdo em escola regular: um estudo de caso sobre a construção da identidade. In: GÓES, M. C.; LAPLANE, A. L. *Políticas e práticas da educação inclusiva*. São Paulo: Editora Autores Associados, 2013.

SOARES, L. Musicalização para pessoas com deficiência intelectual: estratégias de aprendizagem. In: SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO MUSICAL ESPECIAL, 5., 2008, São Paulo, *Anais eletrônicos*. São Paulo, 2008. Disponível em: < <https://musicaeinclusao.wordpress.com>>. Acesso em 30 jul. 2021.

SOUZA, J. Aprender e ensinar música no cotidiano: pesquisas e reflexões. In: SOUZA, J. (org). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008. 287p.